

OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU
Nº639
De 21 de junho
a 04 de agosto
Ano 23

R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial

LIT-QI
Liga Internacional dos Trabalhadores
Quarta Internacional

DERROTAR AS AMEAÇAS GOLPISTAS DE BOLSONARO COM MOBILIZAÇÃO E AUTODEFESA

Páginas 3,8 e 9

VERA E RAQUEL TREMEMBÉ
VOTO ÚTIL É NUMA
ALTERNATIVA,
REVOLUCIONÁRIA
E SOCIALISTA

Páginas 3, 6 e 16



MANOBRA ELEITORAL
PEC ELEITOREIRA
NÃO ACABA COM
A FOME OU A
CARESTIA

Páginas 4 e 5



páginadois

CHARGE

O CABEÇA DO GOLPE

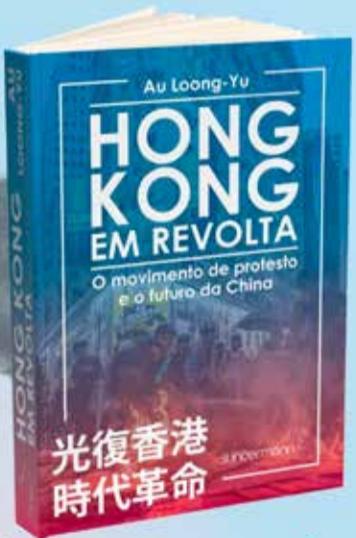


“ Agora querem também mudar o regime do Brasil. Por intermédio da mentira, da promessa vazia, e por outros métodos que nós impediremos brevemente. Porque, aí sim, cabe a mim esse impedimento ”



BOLSONARO, em discurso em Fortaleza no dia 16, mais uma vez ameaçado as eleições presidenciais.

PRÓXIMO LANÇAMENTO



EDITORA
sundermann

www.editorasundermann.com.br



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

PERDÃO DE DÍVIDAS

A mamata “Collorida”

O grupo de comunicação do ex-presidente Fernando Collor (que confiscou a poupança dos brasileiros), atualmente senador aliado de Bolsonaro, possui uma dívida milionária. São R\$ 64 milhões, em sua maior parte com o banco estatal de investimentos, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Cerca de R\$ 36 milhões do valor se referem a débitos trabalhistas. Além de todo esse valor, o senador caloteiro também deve R\$ 363 milhões ao fisco federal. Nos últimos dias, o BNDES apontou que estaria chegando a um acordo com as empresas de Collor para uma negociação, que abateria cerca de 70% do valor da dívida com o banco. Um verdadeiro



escândalo. Bolsonaro segue usando os recursos do Estado para beneficiar aliados e a si próprio, como faz com o orçamento secreto e na recente aprovação da PEC (Proposta de Emenda à Constituição) do Estado de Emergência. São recorrentes os escândalos de favorecimento financeiro de

aliados de Bolsonaro. Uma farra com o dinheiro público. É isso que explica que Collor, que se elegeu senador com o apoio de Lula, agora seja um forte aliado de Bolsonaro. Ele pretende receber a anistia de milhões de reais em dívidas e seguir se beneficiando com a “mamata” do governo.

PALESTINA

50 anos sem Ghassan Kanafani

O último 8 de julho marca o cinquentenário do martírio do jornalista, escritor e revolucionário marxista Ghassan Kanafani. Ele foi assassinado aos 36 anos de idade em Beirute, no Líbano, pelo Mossad (serviço secreto israelense), que plantou uma bomba em seu carro. Sua morte, contudo, não pôde calar sua voz. Para além do rico legado deixado em sua produção literária, elaborações políticas, discursos e entrevistas, Kanafani está eternizado em cada palestino e palestina que não se dobra e preserva seus ensinamentos rumo



à libertação nacional. A editora Sundermann, no ano de 2022, lança a segunda edição do livro “A revolta de 1936-1939”, de Ghassan Kanafani. A revolta comentada no livro representou o momento no qual o povo palestino

esteve mais próximo de sua libertação. As causas dessa verdadeira revolução e as razões que levaram à sua derrota são examinadas com riqueza de detalhes e linguagem direta do autor em publicação inédita em português.

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Tomar as ruas contra Bolsonaro e as ameaças golpistas

O teatro protagonizado por Bolsonaro, na presença de embaixadores de todo o mundo, tentava desviar a atenção do dramático quadro social em que o país se afunda e reforçar suas ameaças de golpe.

Em meio à fome que atinge mais de 33 milhões de brasileiros, e à carestia que fustiga milhões de famílias, Bolsonaro avança em sua tentativa de imitar aqui o que Trump fez nos EUA. Praticamente anuncia que não vai reconhecer o resultado das eleições, caso perca, para justificar qualquer tentativa de autogolpe. No mínimo, ensaiaria alguma preseparada, como foi o Capitólio, para posar de vítima e manter sua base coesa para o futuro.

A classe trabalhadora, a juventude e o povo pobre precisam lutar contra a fome, o desemprego, a carestia e a inflação, mas também contra as ameaças de Bolsonaro às liberdades democráticas. Não podemos assistir novamente, de forma passiva, a mais um desfile de tanques esfumacamentos como foi o 7 de setembro do ano passado. A cada ato de intimidação e ameaça sem uma resposta à altura, Bolsonaro vai se sentindo mais à vontade em seu projeto de ditadura, o

que significaria também o agravamento da miséria e da desigualdade social.

As organizações da classe trabalhadora, incluindo aí os partidos, deveriam chamar para já mobilizações contra as ameaças golpistas de Bolsonaro. O problema é que a resposta, principalmente do PT, às investidas autoritárias de Bolsonaro é o voto nas eleições. Não é de hoje isso, essa tática do PT foi o que, inclusive, permitiu que chegássemos aonde estamos. O partido freou as mobilizações pelo Fora Bolsonaro para apostar no desgaste eleitoral, e permitiu que ele continuasse lá fazendo as maiores barbaridades.

O PT não só desviou as lutas para a via eleitoral, como também garantiu a governabilidade de Bolsonaro nesse tempo. Votou a favor da PEC dos Precatórios no ano passado, votou a favor da recondução de Augusto Aras à Procuradoria Geral da República (PGR), o mesmo que agora se finge de surdo à sucessão de crimes praticadas no Planalto. Mais recentemente, votou a favor da PEC do Desespero, não defendendo uma medida que realmente ponha fim à fome e à miséria.

O papel dos partidos de oposição, principalmente os que se dizem de es-



querda, na votação da PEC é uma vergonha. Nem cumpriram o papel de denunciar a perversidade eleitoreira da medida, tampouco lutaram por uma proposta alternativa, não só melhor que arrancasse mais para o povo, mas que desmascarasse esse sistema.

E agora, enquanto Bolsonaro diz para quem quiser ouvir que não vai aceitar sair derrotado em outubro, Lula e Alckmin preferem se mostrar confiáveis à Faria Lima e ao grande empresariado. Ou seja, chegamos até aqui porque a direção majoritária da classe trabalhadora preferiu canalizar tudo para as eleições e,

diante do acirramento da crise, o que fazem é oferecer mais eleições, e ainda com um programa de conciliação com a burguesia.

Confiar na burguesia e nas instituições desse regime para proteger as liberdades democráticas diante da ameaça bolsonarista é a receita para o fracasso. Se hoje parte majoritária da burguesia é contra o golpe, nada garante que vão se colocar contra um. Ou até que não defendam uma ditadura amanhã, já que para eles tanto faz, desde que continuem ganhando dinheiro.

Para lutar contra a ameaça golpista é preciso a união, na luta, de todos que

são contra o projeto autoritário do bolsonarismo. Mas, para ser vitorioso um movimento desses, é fundamental que esteja capitaneado pela classe trabalhadora, mobilizada e organizada de forma independente. Só a classe trabalhadora pode impedir ou derrotar um golpe, e uma vez mobilizada, só ela pode reivindicar emprego, salário e direitos.

Da mesma forma, só a classe trabalhadora pode dar um basta à crescente violência política insuflada pelo bolsonarismo. Não podemos naturalizar os atentados da ultradireita, é preciso responder com organização da classe e autodefesa.

VERA E RAQUEL TREMEMBÉ

Voto útil é numa alternativa revolucionária e socialista

A organização independente da classe é fundamental para derrotar as investidas golpistas de Bolsonaro. Mas não só. Até mesmo para arrancar as reivindicações mais básicas e urgentes, como um auxílio de verdade, o fim do desemprego, da carestia, e a reversão da entrega do país, só se faz com os trabalhadores nas ruas.

A chapa Lula-Alckmin, por outro lado, defende que

a saída é o voto. E mais do que isso, se colocam como alternativa ao bolsonarismo, com um programa de conciliação que pretende gerenciar essa crise do capitalismo. O grande problema disso é que não vai derrotar de fato o bolsonarismo, e muito menos resolver os problemas do povo.

Bolsonaro é fruto da crise social de um país que, há

décadas, passa por um processo de rebaixamento cada vez maior no sistema internacional de Estados. Uma crise que se aprofundou no último período, e que exige um grau de superexploração cada vez maior da classe trabalhadora e do povo pobre. Ato contínuo, um grau de repressão cada vez maior. Isso se expressa no genocídio do povo preto, no encarceramento em massa da ju-

ventude negra, no assassinato de ativistas etc.

Para derrotar de fato o golpismo, o bolsonarismo e a ultradireita, é preciso da mobilização e organização independente dos trabalhadores, inclusive em relação à autodefesa. E para isso é preciso avançar na consciência de classe. Mas isso não se faz defendendo governar junto com a burguesia como faz a chapa Lula-Alckmin. É con-

dição fundamental fortalecer uma alternativa independente, revolucionária e socialista.

Hoje, a pré-candidatura de Vera e Kunã Yporã (Raquel Tremembé) à Presidência, do Polo Socialista e Revolucionário e do PSTU, é expressão de uma alternativa independente, revolucionária e socialista.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3AXDX04](https://bit.ly/3AXDX04)**

MANOBRA

Base do governo e oposição aprovam PEC eleitoreira que não acaba com a fome ou a carestia

Ao invés de denunciar a manobra e propor medidas que realmente ataquem a fome e a miséria, oposição vota junto com Bolsonaro

 DA REDAÇÃO

Numa votação expressa conduzida pelo trator Arthur Lira (PP-AL), que atropelou o próprio regimento da Câmara, a “PEC do Desespero” foi aprovada no último dia 13 de julho, liberando R\$ 41,25 bilhões numa série de medidas eleitoreiras que, sem resolver qualquer problema da população ou dos mais pobres, busca colocar Bolsonaro no segundo turno das eleições.

Para empurrar a PEC a todo custo, Lira fez e desfez das regras da própria Câmara. Mudou o regimento em cima da hora, liberando a votação a distância para além das segundas e sextas-feiras, como era antes, rea-

lizou sessão de um minuto e contou com a “sorte” de uma estranha pane no sistema, justamente quando o ponto que estabelecia o “estado de emergência” ameaçava cair devido ao baixo quórum governista no plenário. Essa condução do líder supremo do centrão não é nenhuma novidade, já que ele é hoje uma espécie de primeiro-ministro do governo Bolsonaro, que passou ao aliado as chaves do cofre do Orçamento. A própria PEC foi articulada diretamente com Lira e com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Já a oposição, embora tenha tentado fazer algum barulho e alterar certos pontos, como derrubar o estado de emergência ou tornar permanentes os benefícios, ao final

votou junto com a base bolsonarista, como já havia feito no Senado. A oposição poderia ter denunciado que medidas como o reajuste do Auxílio Brasil para R\$ 600,00, hoje, não compram sequer uma cesta básica, e proposto seu aumento para ao menos um salário mínimo.

Seria a oportunidade para desmascarar o falso argumento de que a Lei de Responsabilidade Fiscal, a lei eleitoral ou o teto de gastos impediriam isso. Pois bem, se impedem, que caiam. Para aprovar seu projeto eleitoreiro, o governo e o centrão simplesmente passaram por cima dessa legislação que eles mesmos criaram. Mas, quando é para resolver de fato os problemas do povo, sacam essas leis para dizer de forma cínica que “não dá”.



Os partidos como PT, PCdoB, PSOL e Rede, porém, preferiram votar junto com o governo sob o argumento de que não poderiam ir contra o aumento de auxílios à população mais pobre. Mas, estivessem realmente preocupados com o povo, defenderiam um auxílio de verdade, não só em relação ao valor, mas também quanto ao seu tempo de validade, a sua extensão às 67 milhões de famílias que, após o fim do Auxí-

lio Emergencial durante o auge da pandemia, ficaram sem qualquer tipo de renda. O que preocupa a oposição de fato é, às portas das eleições, se mostrar confiável ao mercado financeiro e ao grande empresariado, “responsável” do ponto de vista fiscal. Resumindo: indicar que, uma vez eleita a chapa Lula-Alckmin, a prioridade do governo continuará a ser remunerar banqueiro e especulador através da mal chamada dívida pública.

AUMENTO DO AUXÍLIO NÃO COMpra NEM CESTA BÁSICA

Auxílio Emergencial
67,5 milhões de pessoas
R\$ 719,00
(valores atualizados)



PEC do Desespero
19 milhões de pessoas
R\$ 600,00



Cesta Básica (em SP)
R\$ 777,00

MENOS QUE UMA CESTA BÁSICA

PEC não vai resolver pobreza ou miséria

As principais medidas da “PEC do Desespero” são o aumento do Auxílio Brasil dos atuais R\$ 400,00 para R\$ 600,00; zerar a fila pelo auxílio; a criação de um “voucher” aos caminhoneiros autônomos de R\$ 1 mil; além de benefícios para taxistas e um reajuste no auxílio-gás. Tudo isso só até dezembro

deste ano. A expectativa é que esses benefícios comecem a ser pagos no início de agosto.

Esse pacote eleitoreiro, no entanto, é insuficiente até mesmo para aliviar a situação de penúria e miséria que atinge milhões de brasileiros. Para começar, o valor de R\$ 600,00 é menor que o

Auxílio Emergencial lá atrás, uma vez que a inflação deu um salto nesse tempo. Para se ter uma ideia, a cesta básica hoje em São Paulo custa R\$ 777,93, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). E, por mais que a expectativa seja de arrefecimento da infla-

ção nos próximos meses, isso ocorre com os preços já nas alturas. Os “subprodutos” vendidos nos supermercados à população viraram símbolo dessa situação: restos e carcaças de carne, soro no lugar de leite, “mistura láctea” no lugar de leite condensado e “mistura com queijo” no lugar de queijo ralado.

Nem ao menos está garantido zerar a fila pelo Auxílio Brasil. Só de março a abril, houve aumento de 113% no pedido de ingresso no CadÚnico. Esse aumento provocado pela inflação e o rápido empobrecimento das famílias criou já uma espécie de “fila da fila”, tendo hoje algo como 2,7 milhões



PEC DO DESPERO

à espera do benefício. Até agosto, esse número já vai ter aumentado ainda mais.

DANDO COM UMA MÃO, TIRANDO COM A OUTRA

É tão pouco o que a PEC garante que analistas já colocam em dúvida se isso será suficiente para alavancar Bolsonaro nas pesquisas. Apesar de R\$ 200,00 a mais pesarem na conta das famílias mais vulneráveis, o

impacto que isso vai ter será bem menor que o do Auxílio Emergencial. E não só pelo fato de o Auxílio Brasil chegar a menos gente, mas também pelo empobrecimento enfrentado pelas famílias no último período, criando uma "demanda reprimida". Exemplo disso é a explosão do número de inadimplentes, que chegou ao recorde de 66,6 milhões de pessoas segundo o Serasa. Ou seja, longe

de significar algum aumento da renda, como foi no Auxílio Emergencial, boa parte disso vai para pagar dívidas contraídas nesse tempo, ou no máximo servir para devolver só parte do poder de consumo que as famílias perderam. Não vai melhorar a vida dos mais pobres, muito menos resolver o problema dos 33 milhões de pessoas que vão dormir de barriga vazia hoje no país.

PROGRAMA

Tirar dos bilionários para acabar com a fome, a carestia e o desemprego

Percebeu que a aprovação da PEC eleitoreira teve mais resistência de setores da própria imprensa do que do mercado financeiro? As bolsas não caíram, e o dólar não disparou após a sua aprovação. Isso porque eles sabem que o dinheiro para pagar pela compra de votos não virá do bolso deles, mas da própria classe trabalhadora. E isso através das privatizações, do aumento dos juros que remuneram os banqueiros via dívida pública e cortes nos serviços públicos, como saúde e educação. Um bom exemplo disso é a redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) que financiou a pequena diminuição do valor dos combustíveis após sucessivos aumentos. Essa grana sai do imposto que financia grande parte da saúde e educação. A previsão é que só a educação perca R\$ 21 bilhões nos estados e municípios, a maior parte no ensino básico.

A PEC aprovada pela base bolsonarista e a oposição não vai resolver o drama da fome e da miséria, tampouco aliviar a carestia que flagela o conjunto da classe trabalhadora. Pelo contrário, Bolsonaro impõe um plano descarado de compra de votos e joga a conta para a própria população.

É preciso um verdadeiro plano para atender as necessidades da classe trabalhadora e da população mais pobre. Primeiro, uma medida emergencial para as famílias pobres, re-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PM224G](https://bit.ly/3PM224G)

tomando o Auxílio Emergencial para todos os que o recebiam, e de ao menos um salário mínimo. Não só até as eleições, mas enquanto durar a crise. Junto a isso, isenção de todas as tarifas, como transporte, água e luz, a todos os desempregados.

Segundo, acabar com o desemprego, reduzindo a jornada de trabalho, sem redução de salários ou direitos, distribuindo o trabalho existente a todos os que necessitem trabalhar. Ao mesmo tempo, um plano de obras públicas que possa absorver parte dos desempregados e, junto a isso, atacar problemas históricos, como saneamento básico e moradia.

Terceiro, revogar por completo a reforma trabalhista e toda forma de precarização

do trabalho. Todo trabalhador com carteira assinada e plenos direitos.

Quarto, aumento geral dos salários, começando pelo próprio salário mínimo, duplicando seu valor rumo ao mínimo definido pelo Dieese, que em junho estava em R\$ 6.527,67. Congelamento de todos os preços e gatilho salarial: aumentaram os preços, aumentam os salários.

Parece impossível? Acabamos de ver que o governo e o Congresso Nacional não têm o menor problema em passar por cima de leis e regimentos se for de seu interesse. Mas nunca vão fazer isso, justamente porque teriam que mexer nos lucros dos bilionários, das grandes empresas, mul-

tinacionais e banqueiros que são, justamente, para quem eles governam. Tampouco um futuro governo Lula-Alckmin junto a esses mesmos setores. Também acabamos de ver isso na prática, com a oposição votando de forma unânime na PEC de Bolsonaro.

ALTERNATIVA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

Todas essas medidas só serão arrancadas através da organização e da mobilização independente da classe trabalhadora que, através da luta, imponha um plano que ataque os lucros e propriedades dos bilionários, das multinacionais e do latifúndio. Que reestatize a Petrobras e todas as empresas entregues ao capital internacional e as co-

loquem para atender as necessidades da população, e não de meia dúzia de megaespeculadores na Bolsa de Nova York. A mesma coisa com as multinacionais que, hoje, dominam a maior parte da nossa economia.

E isso só será possível através de um governo dos trabalhadores, apoiado na mobilização e na organização da própria classe e do povo pobre. Para avançar nessa estratégia, é preciso fortalecer um projeto socialista e revolucionário. Ganhar o maior número de trabalhadores, jovens e ativistas a essa ideia. Nessas eleições, a pré-candidatura do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário à Presidência, encabeçada pela Vera, e demais pré-candidaturas regionais têm esse objetivo.

ELEIÇÕES 2022

Vera participa de lançamento de pré-candidaturas no Rio Grande do Norte e na Paraíba



DA REDAÇÃO

Em seu último giro pelo Nordeste, antes das convenções eleitorais, a pré-candidata à Presidência do Brasil pelo PSTU e pelo Polo Socialista e Revolucionário participou do lançamento de pré-candidaturas no Rio Grande do Norte e na Paraíba. No último dia 7 de julho, Vera acompanhou o lançamento das pré-candidaturas da assistente social Rosália Fernandes ao Governo do Rio Grande do Norte e do professor Dário Barbosa ao Senado.

O evento realizado no Sindicato dos Policiais Civis do Rio Grande do Norte (Sipol) confirmou também o nome da professora Socorro Ribeiro como pré-candidata a vice-governadora. Foram anunciadas ainda as pré-candidaturas das professoras Ana Célia e Luciana Lima

aos Legislativos Federal e Estadual, respectivamente.

A atividade iniciou com uma declamação de poemas dos militantes do PSTU Nando Poeta e Tiago Silva, e do ativista cultural Porangueté. Foram exibidas também fotos das pré-candidaturas durante atividades de militância.

“As pessoas não têm teto, não têm comida; é um verdadeiro massacre o que a população do RN vive”, destacou Rosália, que também criticou a gestão de Fátima Bezerra (PT), sobretudo na saúde. “Nós vivemos uma política de desmonte da saúde pública do RN, que se aprofundou durante o governo Fátima, com o fechamento do Hospital de Canguaretama, do Ruy Pereira, com a redução de serviços do Hospital de São José de Mipibu, obras infundáveis que não são concluídas, o avanço da terceirização e dos contratos temporários”, ressaltou.

PARAÍBA

Já na manhã do dia 8 de julho, Vera seguiu para a Paraíba. Lá, ela participou de atividades da pré-campanha na capital João Pessoa e em Campina Grande, cidade localizada no Agreste Paraibano.

Em João Pessoa, Vera participou do lançamento das pré-candidaturas do rodoviário e líder sindical Antônio Nascimento ao Governo, bem como da docente aposentada e ativista dos movimentos sociais Alice Maciel e sua vice. O evento foi realizado no Sindicato dos Trabalhadores dos Correios (Sintect-PB) e contou com a presença de militantes, apoiadores e ativistas de diversas categorias, com destaque para rodoviários, trabalhadores dos Correios, professores e estudantes.

Ainda na capital paraibana, Vera visitou a Ocupação do Araujo, no bairro de Mangabeira VIII, onde conversou com as mulheres



Vera na Paraíba



Vera no Rio Grande do Norte

do Clube de Mães de Janaína.

No dia 9, acompanhada da militância do PSTU, Vera viajou para Campina Grande, a segunda maior cidade da Paraíba. Lá, ela participou de uma visita à porta da fábrica Alpargatas, em seguida, à comunidade Luiz

Gomes, no bairro Jardim Paulistano, acompanhada do líder comunitário Edvan. As atividades foram encerradas com uma panfletagem no Parque do Povo, espaço de lazer e cultura, onde acontece o grande festejo junino da cidade.

BAHIA

Vera visita Quilombo Quingoma e reuniu-se com apoiadores em Alagoinhas

Depois de passar pelo Rio Grande do Norte e Paraíba, Vera encerrou o giro pelo Nordeste na Bahia. Nos últimos dias 11 e 12, Vera participou de atividades em Salvador, Lauro de Freitas e Alagoinhas.

A passagem de Vera pela Bahia foi destaque na imprensa. Em Salvador, no dia 11 pela manhã, ela concedeu entrevistas exclusivas à rádio Mix Salvador FM e aos portais Bahia Notícias e BNews. À tarde, em Lauro de Freitas, cidade localizada na Região Metropolitana de Salvador, Vera visitou o Quilombo Quingoma e conversou com Dona Ana e Rejane Rodrigues, lideranças quilombolas.

No dia 12, Vera viajou a Alagoinhas, cidade localizada no Nordeste Baiano a 125km de Salvador. Foi nessa cidade que o PSTU nasceu na Bahia, junto às lutas dos petroleiros, da juventude e do movimento negro. Em Alagoinhas, Vera fez um circuito de entrevistas às rádios, pela manhã. Concedeu entrevistas à 93 FM, Digital FM, Boa FM e Ouro Negro FM. No final, ela

tém em luta desde o século XVI, e que hoje se enfrenta com os governos estadual e municipal do PT, que atacam o território quilombola para favorecer empreiteiros e empresários do setor imobiliário. O PSTU está ao lado dos quilombolas na luta em defesa do território de Quingoma”, destacou Vera.

NORDESTE BAIANO

No dia 12, Vera visitou o Quilombo Quingoma e conversou com Dona Ana e Rejane Rodrigues, lideranças quilombolas.

“Foi muito emocionante visitar o Quilombo Quingoma, ver e sentir a resistência de uma comunidade negra que se man-

participou de uma reunião com a militância do PSTU e apoiadores da campanha. O evento foi realizado na sede do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (Sintraf).

A reunião contou com a participação de sindicalistas, ativistas dos movimentos populares, militantes do PSOL, professores, estudantes e petroleiros, que foram debater uma alternativa socialista e revolucionária, mesmo com a forte chuva que caiu na cidade durante todo o dia.

“Foi uma reunião muito boa, de uma rica discussão política, com trabalhadores e jovens que estão dispostos a construir uma alternativa socialista e revolucionária em nosso país, frente à crise social, política e econômica que atravessa nosso país”, finalizou Vera.



Vera na Bahia



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PTQ2ZW](https://bit.ly/3PTQ2ZW)

BARBÁRIE CAPITALISTA

Violência sem limites de um estupro cometido pelo anestesista durante um parto

 DIANA CURADO, DA SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU-RIO DE JANEIRO

Giovanni Quintella Bezerra, anestesista, foi preso em flagrante por estuprar uma gestante durante uma cesariana, no Hospital da Mulher de Vilar dos Teles, em São João de Meriti. É mais uma demonstração categórica do avanço galopante da violência machista. Giovanni aplicava elevadas doses de sedativo nas mulheres, aumentando deliberadamente o risco de complicações, para estuprá-las durante a cirurgia. O ato foi filmado por colegas que desconfiaram da conduta médica.

A barbárie gerou imediatas declarações de repúdio do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro (CREMERJ), da Fundação de Saúde e da Secretaria de Estado de Saúde do Estado, mas não é um raio em céu azul. Ocorre num contexto de cotidiana violência obstétrica e aumento brutal da violência machista no país, violências que seguem decorrendo na maioria dos casos impunemente.

VIOLENCIA OBSTÉTRICA É COTIDIANA NO SUS

Os relatos de abusos durante o parto são uma constante, atingindo principalmente as mulheres negras que dependem do SUS. Essa barbárie, se materializa também, e categoricamente, na mortalidade materna: no estado do Rio, durante a pandemia, a taxa de mortalidade materna mais que dobrou, saltando de 73,5 por 100 mil nascimentos em 2019, antes da Covid-19, para 155 em 2021. Mas esse aumento foi ainda mais brutal na periferia. Em Duque de Caxias, subiu de 97,9 para 267,5 no mesmo período; em São Gonçalo, foi de 67,1 para 213,1. Para que se tenha uma ideia, na Europa a taxa média de mortalidade materna é de 13 mortes por cada 100 mil nascimentos. No Brasil 65,9% das mortes maternas, ocorrem entre mulheres negras, e no Rio esse percentual é ainda maior, 74%.

A criminalização do aborto também é expressão da violência obstétrica imposta especialmente às mulheres trabalhadoras, negras e pobres, e está presente nas ações do Ministério da

Saúde. A cartilha da gestante do SUS, por exemplo, afirma que “todo aborto é crime”, apesar da lei assegurar o direito ao aborto às mulheres vítimas de violência sexual, ou cuja gestação coloca em risco a vida da mãe ou no caso de feto anencéfalo (sem cérebro). Uma orientação do Ministério da Saúde que limita o aborto à 20ª semana de gestação, mesmo quando a lei não prevê limites para que seja realizado em caso de estupro.

VIOLENCIA SEXUAL

Segundo um levantamento feito pelo site The Intercept, sómente em nove estados brasileiros, foram registrados 1.734 casos de violência sexual em unidades de saúde, entre 2014 e 2019, destes 16 estupros ocorreram em CTIs e UTIs. Ou seja, em média três denúncias de violência obstétricas a cada dois dias. O uso de sedativos, tal como no caso que veio agora à tona, é frequentemente relatado para cometer os abusos.

A impunidade é a regra. Segundo o conselho regional de São Paulo, entre 2014 e 2015, foram recebidas 280 denúncias e apenas 29 médicos tiveram o registro cassado.

**VIOLENCIA MACHISTA**

Independência de classe na luta contra a opressão



O estupro praticado pelo anestesista foi noticiado em meio a uma avalanche de outros casos de violência contra as mulheres: a menina de 10 anos, vítima de abuso sexual e grávida, que foi impedida de abortar; a atriz que foi exposta por entregar o bebê para

adoção; a procuradora municipal brutalmente espancada no local de trabalho por um subordinado; as denúncias das trabalhadoras da Caixa Econômica vítimas de assédio sexual pelo próprio presidente da instituição, o bolsonarista Pedro Guimarães.

Todos esses casos bizarros expressam uma realidade de cada vez mais dramática para as mulheres: o aumento da violência machista, que no último período teve um salto diante da ofensiva da ultradireita e do governo misógino de Bolsonaro.

A constante reprodução de ideias machistas por Bolsonaro e seus aliados, amplia a percepção de que a mulher é um objeto, cujos homens são donos. A atitude de Giovanni que estuprou uma mulher inconsciente a menos de um metro de outros profissionais de saúde mostra categoricamente sua crença na impunidade.

Mas esta realidade não é apenas resultado do ascenso

bolsonarista, mas essencialmente da barbárie capitalista, e da piora das condições de vida, especialmente dos setores oprimidos da classe trabalhadora. Para o capitalismo é fundamental dividir a classe e humilhar, submeter e oprimir mulheres, negros e negras, LGBTIs, indígenas, aumentando os seus lucros e minando as possibilidades de luta unificada da classe.

É urgente, para já, uma resposta categórica do movimento de mulheres a esta avalanche de casos de machismo, uma resposta nas ruas, que derrote Bolsonaro e a extrema-direita. Não podemos esperar até outubro. Muito menos devemos confiar na aliança com setores burgueses que

mesmo sendo oprimidos, se beneficiam do machismo, racismo e LGBTIfobia. A estratégia eleitoral do PT e PSOL, que hegemonizam o movimento de mulheres, em apostar na vitória de Lula e nas eleições não é a solução.

A nossa resposta deve ser feita com independência de classe e ter como estratégia a luta pelo fim da exploração, pelo socialismo e por uma sociedade sem exploradores nem explorados, sem opressores e oprimidos. Caso contrário estaremos condenadas a lutar indefinidamente pelos nossos direitos e muito provavelmente em condições cada vez piores.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Z0ZFX8](https://bit.ly/3Z0ZFX8)**

MANOBRA

Bolsonaro golpista imita T

JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

Bolsonaro subiu o tom das ameaças golpistas e autoritárias. A reunião com os embaixadores foi gravíssima. Com o papo de urnas eletrônicas inseguras, tenta transformar sua provável derrota em vitória. Atacou novamente o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Supremo Tribunal Federal (STF), como se estes fossem os golpistas por combaterem os crimes bolsonaristas como as fake news e as ameaças autoritárias.

Mas é Bolsonaro quem está atacando as eleições, estimulando a violência política e mobilizando a extrema direita, alegando fraude. Inclusive, conta com apoio em parte das Forças Armadas, particularmente nos setores da reserva, mas vem buscando incidir sobre os oficiais da ativa, por meio do ministro da Defesa, Paulo Nogueira de Oliveira, que faz coro com Bolsonaro e defende votação paralela em cédula de papel.



Bolsonaro reúne diplomatas estrangeiros para fazer campanha contra urna eletrônica

O Judiciário, por sua vez, capitula ao próprio Bolsonaro ao não apurar e julgar a fundo os crimes cometidos por seu clã. Além disso, convidou os militares para supervisionar as eleições.

Todo esse rebuliço provocado por Bolsonaro serve para angariar votos e tentar ganhar a eleição. Mas ele vem se preparando para não reconhecer a derrota nas urnas. Por isso, segue armando e insuflando a violência política para tentar criar confusão e descontrole que possibilitem até mesmo

uma tentativa de golpe ao estilo da invasão do Capitólio nos EUA.

Embora neste momento seja difícil sustentar um golpe, isso não muda o fato de que Bolsonaro está se preparando para vários cenários. Se usar setores da polícia e das Forças Armadas para realizar alguma medida de força, quem poderá detê-lo? Apenas os trabalhadores mobilizados, organizados e preparados para isso, com independência de classe, sem confiar na burguesia e construindo sua autodefesa.

A VIOLENCIA DA ULTRADIREITA

O episódio do assassinato de Marcelo Arruda, do PT, no Paraná, pelas mãos de um bolsonarista é o retrato da violência estimulada pela ultradireita. Jorge Guaranho atacou uma festa que tinha como tema homenagens ao PT e a Lula e ainda gritou “aqui é Bolsonaro” antes dos disparos. Absurdamente, a Polícia Civil concluiu que o crime não teve motivações políticas, fazendo o jogo do bolsonarismo.

Não foi um episódio isolado. Dias antes, outro bolsonarista jogou uma bomba de fabricação caseira com fezes no ato de Lula no Rio de Janeiro. Isso depois de outro ataque desse tipo com drone também em um evento do PT em Uberlândia (MG). E, mais recentemente, Rodrigo Amorim, deputado bolsonarista, juntamente com seus seguranças armados, intimidou com ameaças uma atividade de rua de Marcelo Freixo no Rio de Janeiro.

Segundo estudo da Universidade do Rio de Janeiro (Unirio), a violência política aumentou 23% neste ano, comparado a 2020. Desde o início do governo Bolsonaro, o número de licenças para CACs (Colecionadores, Atiradores e Caçadores) cresceu 262%, já chegando a 605 mil civis armados, além de mais de 300 mil membros das Forças Armadas, sem contar as polícias.

A responsabilidade por essas ações é inteiramente de Bolsonaro. Na live da semana anterior ao assassinato de Marcelo Arruda, disse: “Você sabe o que está em jogo, e você sabe como deve se preparar (...) nós sabemos o que devemos fazer antes das eleições.” E, assim, bolsonaristas mais radicais se sentiram no direito de agir. Não há evidências que os ataques tenham algum nível de organização ou orquestração, mas isso não os torna menos graves, e coloca a necessidade de uma resposta dos trabalhadores.

BAHIA

Bolsonarismo, golpismo e violência são frutos do capitalismo

A ultradireita mundial é expressão de um setor da burguesia que defende a manutenção do capitalismo por meio de medidas cada vez mais ditatoriais, autoritárias e violentas para aplicar níveis maiores de superexploração e barbárie. Por isso, a violência contra os opositores e contra os trabalhadores está em seu DNA.

Bolsonaro é hoje a expressão disso, com a especificidade brasileira e do papel histórico da burguesia nacional atrasada, violenta e parasitária, sócia menor do imperialismo e sem programa de desenvolvimento algum do país.

Se na democracia burguesa os patrões já tiram nosso coro e temos poucos direitos, imaginem como seriam as coisas caso a luta por reivindicações e os sindicatos fossem proibidos. A coisa pioraria muito. Caso Bolsonaro seja vitorioso na sua busca de bagunçar as eleições, e tente algo como um golpe, os trabalhadores serão os que mais sofrerão.

O PT, OS SETORES BURGUESES E A OPOSIÇÃO PARLAMENTAR

Os perigos aumentam justamente pela forma covarde com que se comporta a oposição, principalmente o PT. Sequer luta de mane-

ra consequente para impedir Bolsonaro. Não prepara o povo para a luta e confia cegamente nas instituições. Isso é como deixar a chave do cofre com o bandido.

A adaptação é tanta que, mesmo com o lobo mostrando os dentes, Lula vai na Faria Lima fazer graça com banqueiros e empresários, ao invés de chamar os trabalhadores e o povo a organizarem qualquer tipo de resistência. Ou ainda faz consulta aos generais das Forças Armadas, capitulando à tutela militar das eleições. Lula e o PT acham que basta votar em sua candidatura que estará tudo resolvido.



Trump e ameaça as eleições



Ao invés de fazer um chamado à resistência contra o golpe, Lula trilha o caminho da conciliação de classes e se reúne com caciques do MDB.

A imprensa liberal e burguesa se curva à impotência justamente porque não vê quem possa fazer alguma coisa para barrar a escalada bolsonarista. O Congresso Nacional segue um fiel lacaio de Bolsonaro, à custa de muita liberação de dinheiro ao “centrão”,

sob comando de Arthur Lira. Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, diz defender a eleição, mas segue obedecendo ao Presidente. Eis que os liberais defensores das instituições e da democracia burguesa são lembrados que, na prática, o poder reside na força.

O problema, para eles, é que embora a burguesia se coloque contra um golpe, incluindo até o imperialismo dos EUA, há todo um setor que faz corpo mole e que também não fará muita coisa contra ele. Afinal, o que importa é seguir lucrando, seja como for.

RESISTIR

Organizar a mobilização, construir a autodefesa dos trabalhadores e fortalecer uma alternativa revolucionária

Dante das ameaças de Bolsonaro, o que devem fazer os trabalhadores, os sindicatos e as organizações que se reivindicam de esquerda ou socialistas? Devem observar passivos a ultradireita se armam e dizer que não acatará o resultado eleitoral com as Forças Armadas? Ou devem se preparar para a luta desde já?

É preciso que as organizações dos trabalhadores construam sua autodefesa para garantir as campanhas e todas as atividades políticas e dos movimentos sociais. Temos que cobrar dos sindicatos, movimentos populares e estudantis a organização desta luta pela base e de maneira unificada. Devemos preparar os trabalhadores para derrotarem nas ruas qualquer ameaça golpista ao resultado eleitoral.

É importante unidade de ação e até a frente única de todos contra as ameaças golpistas de Bolsonaro. Mas é difícil fazer isso sem a classe trabalhadora mobilizada. O PT aposta no imobilismo, desviando toda energia apenas para as eleições, além de se acoplar em alianças com a burguesia, defendendo o sistema capitalista que justamente criou Bolsonaro e a ultradireita.

Os setores da burguesia, as instituições, a imprensa e a maioria das candidaturas de oposição não estão dispostos sequer a levar a luta consequente contra os ataques de Bolsonaro.



Muitos, inclusive, eram bolsonaristas até ontem, e podem “virar bolsonaristas” de novo, caso sintam que seus privilégios estejam ameaçados pelos trabalhadores. Alguns que se dizem “democratas”, como são capitalistas, na realidade temem mais a mobilização dos trabalhadores do que as ameaças bolsonaristas.

A verdade é que todos esses setores, especialmente o PT e Lula, têm sua culpa no cartório justamente por não terem sido consequentes na luta pela derrubada do governo lá atrás. E seguem depositando todas as suas esperanças em candidaturas burguesas, acreditando que a derrota eleitoral de Bolsonaro é suficiente para barrá-lo. Isso é temerário, pois, mesmo que

a imposição e a consolidação de um golpe não sejam o mais provável, não mobilizar e organizar a autodefesa da classe trabalhadora permite que a violência política da ultradireita cause estragos nas liberdades democráticas, nas organizações e na militância da classe trabalhadora e da juventude.

Os trabalhadores têm, então, duas tarefas combinadas. A primeira é defender e garantir a mobilização e organização contra a ameaça golpista de Bolsonaro e a violência da ultradireita desde já, levantando, junto, nesta luta suas reivindicações por emprego, salário, direitos e soberania. Golpismo se derrota nas ruas, e mesmo que Bolsonaro perca as eleições, a ultra-

direita continuará se armando e se organizando.

A segunda é fortalecer uma alternativa independente dos trabalhadores, revolucionária e socialista. Ficar a reboque dos setores da burguesia é errado e perigoso, como fazem o PT e o PSOL com suas candidaturas de aliança com a burguesia, comprometidas com o sistema capitalista. Isso não cria uma alternativa à polarização social e política, nem contra os desmandos dos capitalistas. E também deixa os trabalhadores desarmados para derrotarem nas ruas as ameaças golpistas de Bolsonaro.

A candidatura Lula não significa outra coisa além de colocar os trabalhadores sob direção da burguesia, de Alck-

min, de Temer e do programa capitalista defendido pelo PT. Desse modo, não conseguimos preparar a luta contra as ameaças bolsonaristas, nem garantir um programa minimamente que atenda os trabalhadores. A ultradireita, o bolsonarismo e seus arroubos autoritários só podem ser definitivamente derrotados com um programa que se contrapõe a esse sistema capitalista que os criou. É preciso fortalecer uma candidatura que represente essa saída independente dos trabalhadores, sem aliança com a burguesia. Isso significa fortalecer a candidatura da Vera e do PSTU.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3RQIGEK](https://bit.ly/3RQIGEK)**

IMPOSTO DE RENDA

Mordida do leão abocanha renda dos trabalhadores mais pobres

Defasagem do IR confisca parte cada vez maior dos salários dos trabalhadores de menor renda

 DA REDAÇÃO

No Brasil o que não falta é rico reclamando que paga muito imposto. É industrial, banqueiro, executivo de multinacional, nenhum deles perde a oportunidade de chorar diante do que diz ser uma “carga pesada” demais para suportar. Mas o que é tão grande quanto o cinismo dessa gente é, na verdade, a carga tributária que recai sobre os mais pobres, esta sim um fardo cada vez mais insuportável.

Levantamento realizado pelo Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita Federal (Sindifisco Nacional) mostra o quanto é regressivo o sistema tributário brasileiro. Regressivo significa que, quanto mais pobre, mais imposto paga. Um dos aspectos disso é o próprio Imposto de Renda. A defasagem da tabela do IR, juntamente com a inflação, faz

o leão comer uma parte cada vez maior dos salários.

A tabela do IR era atualizada anualmente até 1996. De lá para cá, foi parcialmente reajustada em poucos momentos, mas acumula uma defasagem de 147%. Só no governo Bolsonaro, a defasagem acumula mais de 26%. A atual tabela está vigente desde 2015, quando o salário mínimo era de R\$ 788,00. O resultado disso é que os trabalhadores que ganham menos pagam cada vez mais. Caso fosse corrigida, a faixa de isenção do IR pularia dos atuais R\$ 1.903,00 para R\$ 4.670,00, deixando de fora da mordida do leão mais 12 milhões de trabalhadores. O total de isentos seria de 23 milhões.

A correção da tabela do IR não só ampliaria a faixa de isenção, como aliviaria a fatia paga por grande parte dos trabalhadores. Por exemplo, alguém que ganha um salário de R\$ 5 mil, que está muito longe de ser rico, paga



hoje mais de R\$ 500,00 de imposto. Com a correção, passaria a pagar R\$ 24,73, uma diferença de mais de 2.000%.

CONFISCO

Atualizar a tabela do IR, inclusive, era promessa de campanha do governo Bolsonaro. Ele não só não mexeu nisso, como vem impondo uma política econômica que joga todo o efeito da crise nas costas dos

trabalhadores, com uma inflação anual na casa dos 12%, e o preço da cesta básica subindo até 30%. Na prática, não corrigir a tabela significa aumentar os impostos sobre os mais pobres à medida que a inflação avança. No ano que vem, os trabalhadores que ganham um salário mínimo e meio vão passar a pagar IR. Na atual toada, o leão vai pegar até quem ganha o mínimo.

A população trabalhadora sofre, assim, duplamente. Paga mais imposto na fonte e quando vai aos supermercados, pois grande parte da carga tributária no Brasil, algo como 50%, recai sobre o consumo, afetando justamente quem ganha menos. Já os bilionários, as multinacionais e grandes empresas têm isenções e subsídios. O Imposto de Renda é um leão só para os trabalhadores; para os ricos é um gatinho manso.

CONFIRA

DEFASAGEM DO IMPOSTO DE RENDA

HOJE: Paga quem ganha acima de R\$ 1.903,00

SE FOSSE ATUALIZADO: Pagaria quem ganha mais de R\$ 4.670,00

HOJE: Quem ganha R\$ 5 mil paga R\$ 500,00

SE FOSSE ATUALIZADO: Quem ganha R\$ 5 mil pagaria R\$ 24,73

PROGRAMA

Taxar os super-ricos e atacar a grande propriedade



Luciano Hang é um dos mais ricos do Brasil

Na realidade, o mais certo seria dizer que o trabalhador paga triplamente imposto: no IR, sobre o consumo e o que o patrão

paga, quando o faz. É a classe trabalhadora quem produz valor através do seu trabalho, quem produz o lucro e a fortuna dos

patrões, e o imposto que eles pagam, mesmo assim proporcionalmente bem menor que o resto da população. A regressividade do imposto funciona, portanto, como uma espécie de confisco, cada vez maior, da renda gerada pela classe trabalhadora. Imposto que vai, nas mãos do Estado, subsidiar o grande agronegócio, as multinacionais e as grandes empresas e, principalmente, enriquecer banqueiro através dos juros da dívida pública.

É preciso inverter essa estrutura tributária perversamente in-

justa e taxar os super-ricos e bilionários. Como defende o PSTU na proposta de programa apresentado ao Polo Socialista e Revolucionário, isentar de qualquer imposto quem ganha até dez salários mínimos. Por outro lado, um imposto especial de 40% sobre a fortuna acumulada pelos bilionários deste país arrecadaria algo como R\$ 325 bilhões, quase oito vezes o valor recém-aprovado na “PEC do Desespero” de Bolsonaro.

A taxação das grandes fortunas dos super-ricos e bilionários é urgente e necessária, mas não

suficiente para mudar para valer a situação de penúria e profunda desigualdade. Para isso, é preciso avançar também sobre a propriedade dos super-ricos, das grandes empresas e das multinacionais, estatizando empresas como a Petrobras e a Vale, e estatizando, sob controle dos trabalhadores, as 100 maiores empresas que controlam grande parte da nossa economia, colocando-as para funcionar de acordo com os interesses do povo.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3BOARBR](https://bit.ly/3BOARBR)**

DIA 25

Julho das pretas contra a fome e a opressão do capitalismo



SHIRLEY SILVÉRIO, DA SECRETARIA NACIONAL DE NEGROS E NEGRAS DO PSTU

Estamos vivendo a combinação de uma crise econômica, uma pandemia e um governo genocida, racista e machista. Essa é a forma que a burguesia encontrou para lucrar com o massacre das mulheres negras.

São 125 milhões de pessoas com algum nível de inse- gurança alimentar, sendo 33 milhões com fome, sendo que a maior parte atingida é de famílias negras. Isso no mesmo ano em que o preço da cesta básica superou o valor do sa- lário mínimo. Do outro lado, o Brasil acumula 62 bilionários, que ampliam seus lucros até na pandemia.

O lucro dos bancos aumentou 34% em 2021, com R\$ 90 bilhões. Destes, R\$ 26 bilhões foram só para o Itaú, o maior do setor. Enquanto as estru- turas racistas e machistas do capitalismo garantem os lu- cros dos grandes empresários às custas da vida das mulhe- res negras, o marketing desses

bancos finge que são aliados.

O Instituto Moreira Salles abrigou a exposição “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”. O IMS é finan- ciado pelo Itaú, que lucra com a pandemia ao mesmo tempo que busca associar sua marca às causas antirracistas.

Carolina foi uma escritora, compositora, estilista e poe- tisa brasileira. Mas também foi mãe, trabalhadora e uma amante da vida. Mais do que uma “favelada que escreveu um livro”, ela era uma mulher negra, uma artista.

Neste Dia da Mulher Ne- gra, Latino-americana e Ca- ribenha, trazemos um trecho de um dos livros de Carolina que, infelizmente, é extre- mamente atual.

Levantei de manhã triste porque estava chovendo. (...) O barraco está numa desor- dem horrível. E que eu não tenho sabão para lavar as louças. Digo louça por hábi- to. Mas é as latas. Se tivesse sabão eu ia lavar as roupas.



Carolina Maria de Jesus



Eu não sou desmazelada. Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado. Cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar para cima. E igual a nós que não gos- tamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela.

... Fiz a comida. Achei bo- nito a gordura frigindo na pa- nela. Que espetáculo deslum- brante! As crianças sorrindo vendo a comida fervor nas pa- nelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles.

Antigamente era a macar- nonada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e ar- roz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos es- queceu. Não está ao alcance dos

infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despre- sou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá.

Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.

... Nas ruas e casas comer- ciais já se vê as faixas indi- cando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reinciden- tes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está in- teressado nas eleições, que é o ca- valo de Troia que aparece de quatro em quatro anos.

... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suave- s perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despon- tar-se e recluir-se. As aves per- correm o espaço demonstrando

contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adorar o céu azul. Há varias coisas belas no mundo que não é possí- vel descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quan- do vamos fazer compras. Ofus- ca todas as belezas que existe.

“Quarto de despejo: diário de uma favelada”, pp. 22-23, Carolina Maria de Jesus, 1960.

MULHERES NEGRAS PRECISAM DE UMA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Se um texto escrito em 1960 parece retratar uma realidade de hoje, 62 anos depois, é porque o capitalismo não nos oferece alter- nativas. Para mudar nossa vida é preciso destruir o capitalismo. Em seu lugar, podemos erguer uma sociedade socialista, onde as mulheres negras trabalhadoras governem, ao lado de sua classe.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PTNEVS](https://bit.ly/3PTNEVS)**

SAIBA MAIS

O que é o dia 25 de Julho

O Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, que ocorre em 25 de julho, começou a fazer parte do calendário de lutas em 1992, durante o 1º Encontro de Mulheres Afro, Latino-americanas e Caribenhais, na República Dominicana. No Brasil, a data também busca homenagear Tereza de Benguela, mulher negra símbolo de resistência, que liderou o Quilombo de Quariterê após a morte de seu companheiro, José Piolho.

JAMES WEBB

A humanidade pode olhar para novos horizontes

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Entre a comunidade científica, acredita-se que até agora os humanos descobriram apenas cerca de 5% do Universo. Um feito, sem dúvida, notável. Afinal, foi somente na década de 1920 que o astrônomo estadunidense Edwin Hubble descobriu que o Universo é povoado por inúmeras galáxias como a nossa Via Láctea, cada qual com seus bilhões de estrelas. Hubble também mostrou que o próprio Universo não é estático. Ao contrário, é dinâmico, com galáxias que se distanciam continuamente uma das outras, em todas as direções do espaço cósmico em uma inexorável expansão. Tais descobertas permitiram o desenvolvimento de novas ferramentas conceituais e práticas que tornaram a cosmologia um dos ramos mais fascinantes das ciências naturais.

Em 1990, a Nasa (agência espacial dos Estados Unidos) lançou o primeiro telescópio orbital, batizado de Hubble, em homenagem ao grande astrônomo que revolucionou a nossa visão do Universo. Por mais de três décadas as imagens feitas pelo Hubble mostraram detalhes de estruturas do Universo até en-



tão desconhecidas e pouco observadas, como galáxias distantes no espaço profundo, supernovas, aglomerados, evidências da presença de planetas extra-solares, e ajudou a refinar as estimativas da idade do nosso Universo – calculado atualmente em 13,8 bilhões de anos.

O Hubble proporcionou um salto equivalente ao dado pela luneta de Galileu Galilei no século XVII. Mas é o telescópio James Webb (JWST, na sigla em inglês) o sucessor do Hubble, que promete oferecer à humanidade uma visão ainda mais ampla e revolucionária do Universo.

PAISAGENS ESTELARES

As primeiras imagens divulgadas do JWST na

semana passada mostraram impressionantes paisagens estelares, mais nítidas e com novas informações. Mas, como disse um astrônomo, elas “apenas arranham a superfície do que vamos aprender”. A tecnologia aprimorada do Webb oferece aos pesquisadores novos olhos mais precisos para observar o Universo. Diferente do Hubble, o JWST está mais distante da Terra, há aproximadamente 1,5 milhão de quilômetros, ainda mais longe do que a Lua. O espelho do Webb também é maior, com aproximadamente 6,5 metros em comparação com os 2,4 metros do Hubble, o que oferece ao telescópio cerca de 6,25 vezes mais área de coleta.

Munido de câmaras e espetrômetros que podem detectar os mais diferentes espetros da luz, o telescópio é capaz de ver a química da evolução do Universo como, por exemplo, a assinatura da água em um planeta a milhões de anos-luz do Sistema Solar (extra-solares), a composição química de uma galáxia ou do gás ao redor de um buraco negro.

UNIVERSO PROFUNDO

Mas uma imagem em particular deixou os cientistas eufóricos. Trata-se de uma imagem de “campo profundo”, ou seja, da região mais profunda já observada do Universo pelos humanos, que foi realizada pelo telescópio em um pedaço muito pequeno do Universo, “do tamanho de um grão de

areia mantido à distância de um braço por alguém no chão”, como explicou a Nasa. Nessa parte minúscula do Universo é possível observar milhares de galáxias, e algumas delas mostram um fraco espetro de luz vermelha. São galáxias de um Universo primitivo, que ainda não tinha 800 milhões de anos e cuja luz vagou por mais de 13 bilhões de anos-luz até atingir as lentes do Webb (ver imagem ao lado).

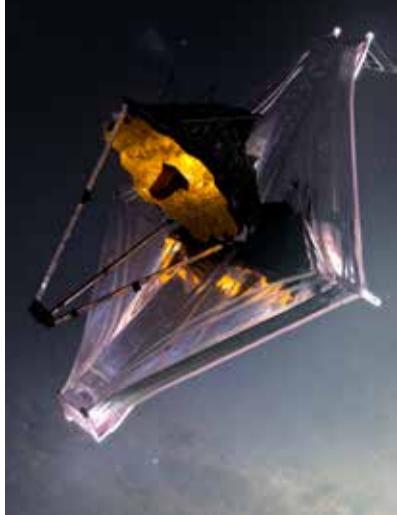
NOVOS HORIZONTES

Com o JWST vamos aumentar um pouco mais a fração do Universo conhecido. Conseguiremos observar regiões de formações de estrelas e estrelas escondidas na poeira, chegar bem perto de um buraco negro e enxergar as galáxias no início do Universo, vendo o que aconteceu há 13 bilhões de anos.

O mais impressionante, porém, é o fato de suas imagens comprovarem que os humanos são capazes de olhar muito mais além. Podem romper as nuvens da obscuridade e brilhar como as estrelas. Mas, para realizar isso plenamente, é preciso olhar para novos horizontes sociais, revolucionar a sociedade e libertar a humanidade de toda forma de opressão e exploração.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3AU7EUF](https://bit.ly/3AU7EUF)**

PERSEGUIÇÃO ÀS LGBTIS



Cientistas querem mudar nome do telescópio

A empolgação em torno de novas imagens sem precedentes do Universo reacendeu a discussão sobre a campanha **#RenameJWST** realizada por cientistas para renomear o telescópio espacial. E eles têm razão. James Edwin Webb foi subsecretário de Estado dos Estados Unidos entre 1949 a 1952 e liderou a Nasa entre 1961 e 1968. Como subsecretário de Estado dos EUA, atuou na luta contra a “expansão do comunismo”, inclusive se envolvendo na guerra da Coreia. Na Nasa ele foi o maior entusiasta para que o imperialismo norte-americano pudesse superar a URSS na chamada “corrida espacial”.

Nos anos 1950 e 1960, tanto o Departamento de Estado quanto a Nasa perseguiram e demitiram funcionários gays e lésbicas em uma campanha chamada “Lavender Scare” (Ameaças lavanda). Durante esse período, LGBTIs foram acusadas de ser suscetíveis à propaganda comunista para revelar segredos do governo. Webb esteve nas duas instituições no período. Historiadores da Nasa, porém, negam que exista alguma evidência do seu envolvimento nas perseguições, embora tenham sido publicados pela revista “Nature” documentos que mostrem o contrário. Definitivamente, a figura de Webb é para lá de questionável, e está muito longe dos novos horizontes que o telescópio com seu nome pode abrir à humanidade.

SRI LANKA

A segunda vitória do povo


**ESAT ERDOĞAN,
DA TURQUIA**

A rebelião no Sri Lanka que vem acontecendo desde março devastou a dinastia Rajapaksa. O presidente Gotobaya Rajapaksa se viu obrigado a fugir do país. Devemos afirmar que esta é uma tremenda vitória que mostra a força do movimento operário de massa. Depois do Equador, é a continuação da ascensão das ondas revolucionárias que levantam os trabalhadores do mundo e assustam as classes dominantes.

Localizado no sul da Índia, este belo país insular sofreu um grande colapso econômico devido à má gestão dos governos capitalistas predatórios, especialmente da família Rajapaksa. As consequências da má gestão se somaram à

crise causada pela pandemia de Covid, e o país ficou sem condições de pagar sua dívida externa. As reservas cambiais estão quase esgotadas. Sem dinheiro, a importação de bens básicos, óleo de cozinha, leite, remédios, papel, fertilizantes e combustível quase parou, e muitos produtos básicos acabaram. Os cortes de energia chegam a 13 horas por dia.

A primeira rebelião contra essas condições insuportáveis começou no final de março. Os trabalhadores entraram em greve em vários setores, especialmente na educação, eletricidade e saúde. Os manifestantes ocuparam espaços vazios em frente ao escritório presidencial durante todo o mês de abril. No início de maio, o primeiro-ministro Mahinda Rajapaksa

não aguentou os protestos e teve que renunciar. Esta foi a primeira vitória das massas.

Em junho o governo anunciou que o combustível havia acabado. A raiva foi desencadeada quando ele anunciou que não forneceria combustível até 10 de julho, exceto em caso de emergência. Mas se não havia combustível, não havia trabalho e não havia pão. Em 9 de julho, a manifestação na capital Colombo se transformou em rebelião. As pessoas não respeitaram o “toque de recolher”, e dezenas de milhares encheram a capital de raiva. Em muitas áreas, a polícia e os soldados juntaram-se aos manifestantes. Enquanto o presidente Gotobaya Rajapaksa foi forçado a fugir do país, os rebeldes, que tomaram o palácio presidencial na capital, também incendiaram o pré-



Cenas da população ocupando o palácio presidencial do Sri Lanka

dio do primeiro-ministro. Esta foi a segunda vitória do povo.

À medida que a revolta continuava, o primeiro-ministro Ranil Wickremesinghe suspendeu o estado de emergência quando todos os partidos burgueses em pânico, incluindo a oposição, se ofereceram

para formar um “governo de todos os partidos”. Enquanto isso, o primeiro-ministro Ranil declarou novamente o estado de emergência e pediu ao exército que parasse a revolta. Mas, até agora, as pessoas não deixaram o palácio e outros prédios do governo.

HISTÓRIA

Da independência nacional à revolta de 1971

Para entender a revolta de hoje, é necessário olhar brevemente para a história do país. A partir do século XVII, o Sri Lanka viveu sob domínio colonial. Seu antigo nome era Ceilão e ganhou sua independência em 1948, como resultado de greves e mobilizações após a Segunda Guerra Mundial. Até 1956, o Partido Nacionalista Unido (UNP) governava o país.

O partido burguês de centro-esquerda Partido da Liberdade do Sri Lanka (SLFP) chegou ao poder em 1956. O SLFP implementou algumas políticas populares e nacionalizou a indústria petrolífera controlada por estrangeiros. O SLFP foi fundado pela burguesia para bloquear a ascensão do Partido da Igualdade Socialista do Sri Lanka (LSSP), de base trotskista.

O LSSP foi fundado em 1935 com um programa que defendia a independência da Grã-Bretanha e também visava o socialismo. Em pouco tempo, esse programa revolucionário se espalhou entre os



trabalhadores e a juventude. O partido tem grande peso nas massas por seu papel na luta do país pela independência e adere à Quarta Internacional em 1942. Torna-se o maior partido trotskista do mundo na época. O LSSP conseguiu unir os trabalhadores dos povos tâmil e cingalês sob seu programa. No entanto, mais tarde ele se desviou para uma linha nacionalista e parlamentar e se juntou ao governo de coalizão do par-

tido burguês SLFP em 1964. Isso é uma violação de um princípio trotskista histórico: a não participação em governos burgueses. Por isso, foi expulso no VI Congresso da Quarta Internacional, realizado em 1964. A capitulação ao reformismo do LSSP causou a perda de um momento revolucionário histórico no Sri Lanka.

Em resposta ao reformismo no LSSP, é formado o movimento guerrilheiro Ja-

natha Vimukthi Peramuna (JVP - Frente Popular de Libertação). Sua líder, Rohana Wijeweera, era uma jovem revolucionária que estudou Medicina na Universidade Patrice Lumumba de Moscou e se tornou maoísta quando retornou ao seu país. A JVP logo alcança um poder significativo entre a juventude revolucionária, trabalhadores e soldados. No início dos anos 1970, a JVP começou a se preparar para uma rebe-

lião. A organização iniciou um levante armado com dezenas de milhares de combatentes em muitas partes do país em 5 de abril de 1971. Esse levante foi prematuro e despreparado, mas os rebeldes passaram a controlar as partes sul e central do país. O Estado teve que obter apoio militar da Índia para reprimir a rebelião. Após duas semanas de guerra, o controle passou para o Estado. Dezenas de milhares de revolucionários foram mortos.

Nas eleições de 1977, o UNP volta ao poder. Com a Constituição de 1978, o país muda para um sistema presidencialista semelhante ao da França. A promessa eleitoral do UNP era promover a economia de mercado. Logo após a decisão do governo de abrir o país a investidores estrangeiros (1979), começou a revolta do Tigre Tâmil (1983). Neste ponto, é necessário olhar para o problema tâmil, porque essa guerra abriu caminho para a atual administração chegar ao poder.

OPRESSÃO ÉTNICA

Guerra contra o povo tâmil

No Sri Lanka, 74,9% da população é cingalesa e 15,4% é tâmil; enquanto, em sua religião, 70,2% são budistas, 12,6% são hindus, 9,2% são muçulmanos e 7% são cristãos. Nesse sentido, é um país onde os problemas étnicos e religiosos são vivenciados intensamente.

A luta do povo tâmil pela autodeterminação é um dos principais problemas do Sri Lanka. Os britânicos, que usaram o povo tâmil para plantar chá no Ceilão durante o período colonial, também formaram uma classe média dominante educada entre os tâmeis. Essa situação opõe o povo cingalês, que é a maioria nas cidades, ao tâmil. Os britânicos aplicaram assim no Sri Lanka a tática clássica de “dividir para reinar”.

Após a independência nacional em 1948, o UNP, com sua nova “Lei da Cidadania”, dá privilégios aos cingaleses enquanto os tâmeis se tornam cidadãos de segunda classe. O SLFP continua com a mesma discriminação quando ocupou o governo. Em 1958, este povo se levantou para exigir igualdade, mas a revolta foi reprimida. O LSSP socialista, que há muitos anos organizava, juntos, os trabalhadores tâ-



meis e cingaleses, assumiu uma postura reacionária (sob o pretexto de “dividir a luta da classe trabalhadora”) e deixou o povo tâmil sozinho para enfrentar a perseguição.

Nas eleições de 1977, o partido Tâmil é banido pelo governo da UNP. A partir daí, o povo tâmil, com a participação de muitas unidades da JVP, entrará na luta armada. O enfraquecimento da esquerda socialista abre caminho para os Tigres Tâmil.

Depois que as negociações de paz começaram com a in-

tervenção da Índia, a guerra recomeçou em 1990, quando os tâmeis se recusaram a depor as armas. Os Tigres Tâmil mataram o primeiro-ministro indiano e o presidente do Sri Lanka em 1993. Eles declararam que estavam abandonando o programa de independência em 2001 e exigiram autonomia. Nesse exato momento, o ministro das Relações Exteriores do Sri Lanka é assassinado, mas os Tigres Tâmil negam o assassinato, que volta a alimentar o veneno nacionalista.

Em 2004 um tsunami matou 35 mil pessoas. Aproveitando essa situação, o Estado cingalês cometeu um massacre contra os tâmeis entre 2007 e 2009. Durante a guerra, que durou 26 anos, 100 mil pessoas morreram e mais de 300 mil foram forçadas a migrar.

A família Rajapaksa, hoje expulsa do país, tornou-se chefe de Estado nessa sangrenta guerra civil. O massacre do povo tâmil abriu caminho para seu governo.

Embora o governo do presidente Gotobaya tenha

alcançado um crescimento econômico parcial, mergulhou o país na dívida externa. Como resultado, a população foi privada do acesso aos materiais mais básicos. O desemprego disparou, especialmente no setor do turismo. A solução do governo burguês foi reduzir os impostos dos patrões, aumentar a carga sobre os trabalhadores e iniciar negociações com China, Índia e Fundo Monetário Internacional (FMI) para reestruturar suas dívidas.

PRÓXIMOS PASSOS

O que vai acontecer agora?

O presidente fugiu, mas quem o substituirá? A proposta de solução dos partidos burgueses é o estabelecimento de um governo de “unidade nacional”, uma nova Constituição, novas eleições e um acordo com o FMI. Nenhum dos partidos burgueses existentes é capaz de resolver a crise. Todos defendem os interesses da burguesia. Além disso, a crise da dívida está se aprofundando. Não é possível para um “governo de unidade nacional” resolver os problemas dessa crise capitalista

mundial. Mesmo que um governo seja formado, os problemas não podem ser resolvidos, e os trabalhadores continuam lutando nas ruas.

A enormidade do movimento de massas e o vácuo da liderança revolucionária são as marcas das recentes revoltas, e o mesmo acontece no Sri Lanka. Mas os trabalhadores do Sri Lanka têm os meios para construir um partido revolucionário que possa levar o país à revolução socialista. Há também uma forte tradição de luta de classes no país.



Com as possibilidades criadas pelo levante, abre-se o terreno para a construção de assembleias locais e nacionais. Essas assembleias de trabalhadores entram na luta com um

plano de contingência: o fim das negociações com o FMI, a expropriação da propriedade da família Rajapaksa, colocar as empresas alimentícias sob controle do povo, a nacionalização das empresas falidas sob controle dos trabalhadores, a imposição de altos impostos sobre a riqueza, a autodeterminação do povo tâmil através de uma constituição democrática. Cada vitória conquistada avança a organização e a luta.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ATY2QE](https://bit.ly/3ATY2QE)**

RETRATO DA DEVASTAÇÃO

Relatório mostra destruição do meio ambiente sob governo Bolsonaro

Desde o início do governo de Jair Bolsonaro, o desmatamento no país atingiu cerca de 42 mil quilômetros quadrados de matas nativas de todos os biomas. Ou seja, de 2019 a 2021, a área destruída pela devastação florestal correspondente à área do estado do Rio de Janeiro. O novo dado que vem confirmar o desastre ambiental sem precedentes faz parte do Relatório Anual de Desmatamento no Brasil, divulgado no último dia 18 pelo Projeto MapBiom. O documento mostra também que no ano passado o desmate foi 20% maior que no ano anterior, indicando que o atual governo bate recorde sobre recorde de destruição.

Os pesquisadores do MapBiom partiram dos 69.796 alertas

de desmatamento feitos em 2021 pelo Sistema de Detecção de Desmatamentos em Tempo Real, o Deter, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em todo o país. Em seguida, cruzaram dados das áreas protegida e do Cadastro Ambiental Rural (CAR). Detectaram, entre outras coisas, irregularidades em 98,6% das ocorrências de desmatamento. Ou seja, foram derubadas matas em lugares protegidos por lei, como reservas mínimas em fazendas privadas e também em áreas limítrofes entre terras privadas e áreas de conservação e até terras indígenas e quilombolas.

O desmatamento nos três anos de Bolsonaro tem a agropecuária como a maior responsável pela devastação (97%). O

latifúndio de soja e as pastagens avançam sobre a Amazônia, aprofundando também os conflitos no campo e a contaminação por agrotóxicos. Na sequência vêm outras atividades igualmente estimuladas pelo governo Bolsonaro: o garimpo, que invade terras indígenas, expulsando os povos originários e contaminando rios com mercúrio. Depois, aparecem a expansão urbana, a mineração – também atiçada por ações e discursos do presidente.

O relatório aponta ainda que 77% de toda a área desmatada está em imóveis rurais cadastrados no CAR. “Isso significa que, em pelo menos três quartos dos desmatamentos, é possível encontrar um responsável”, destaca o estudo. Ao todo, fo-



ram 59.181 imóveis com desmatamento detectado no país em 2021, sendo 0,9% dos imóveis rurais cadastrados no CAR até o ano passado. Destes, 19 mil são reincidentes.

PRISÃO DE MILITARES

Justiça argentina condena ex-militares à prisão perpétua por ‘voos da morte’

Quatro ex-militares envolvidos nos chamados “voos da morte” durante a ditadura argentina (1976-1983) foram condenados à prisão perpétua pelos crimes de privação ilegal da liberdade, tortura e homicídio.

Nos voos da morte, presos po-

líticos eram embarcados em aviões e jogados, ainda vivos, ao mar. No julgamento, o tribunal considerou provada a ocorrência desses voos, que saíram da instalação militar, nos arredores de Buenos Aires. Essa passagem sinistra da história da repressão sul-américa-

na foi retratada em filme “Kóblic” (2016) com o ator Ricardo Darín, que vive um ex-capitão atormentado com as ações das quais participou durante a ditadura.

Foi a primeira vez que uma sentença reconhece os “voos da morte” como mecanismo de ex-

termínio da ditadura. Em 2017, segundo o jornal espanhol El País, seu uso foi considerado provado, após a condenação de dois pilotos. “As condenações fizeram parte, então, do veredito do maior julgamento da história da Argentina, a chamada megacausa da

ESMA, com 54 indiciados pelos delitos cometidos contra 789 vítimas”, lembra o periódico. A Escola de Mecânica da Armada (Esma) foi o maior centro de tortura da ditadura argentina. Hoje, abriga um espaço destinado à preservação da memória.

“FOIÇADA NA FUNAI”

Bolsonaro certificou 239 mil hectares de fazendas dentro de áreas indígenas

Em 24 de abril de 2020, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), o delegado Marcelo Xavier, e o secretário especial de Assuntos Fundiários do governo e líder da UDR(União Democrática Ruralista), Nabhan Garcia, anunciaram e comemoravam a Instrução Normativa nº 9 (IN 09) da Funai, que permitiu certificações e registros de

fazendas no Sistema de Gestão Fundiária (Sigef) federal, dentro de terras indígenas (TIs) ainda não homologadas.

Na prática, era um passe livre para que fazendeiros ocupem territórios indígenas em todo o país. Passados mais de dois anos desde a publicação da normativa, a Agência Pública apurou que o governo Bolsonaro certificou 239 mil

hectares de fazendas dentro dessas áreas — o equivalente a duas vezes o município do Rio de Janeiro.

As Terras Indígenas (TIs) não homologadas são aquelas que não tiveram decreto presidencial publicado, a última fase do processo de demarcação antes do registro definitivo.

A maioria das certificações aconteceu ainda em 2020: fo-

ram 124 mil hectares certificados de mais de 240 fazendas dentro de TIs de abril até dezembro. Os dados revelam que não se trata apenas de fazendas que cortam trechos de TIs. A maioria das propriedades certificadas — 210 — está 100% dentro desses territórios.

A maior parte das TIs afe-

tas pelas normativas da Funai se encontra no Maranhão: mais de 138 mil hectares certificados como propriedades privadas no sistema do governo. O povo mais afetado é o Canela, que teve 117 mil hectares de fazendas demarcadas dentro das suas terras. Eles lutam há anos pela homologação dos territórios Kanella/Memortumré e Porquinhos dos Kanella-Apānjekra, ambas no Maranhão.

VICE-PRESIDENTE

Indígena Raquel Tremembé vai compor chapa com Vera à presidência do Brasil

Evento que lançará a pré-candidatura a vice-presidente será realizado na próxima sexta-feira, dia 22, às 19h, de forma virtual


**ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)**

Aindígena maranhense Kunã Yporã, conhecida também como Raquel Tremembé, vai compor a chapa à Presidência da República com a Vera (PSTU) pelo Polo Socialista e Revolucionário.

Na próxima sexta-feira, dia 22, às 19h, será realizada a live de lançamento da pré-candidatura de Kunã Yporã (Raquel Tremembé), com transmissão pelas redes sociais do PSTU e das demais organizações que integram o Polo Socialista e Revolucionário.

“A chapa será composta por duas mulheres, uma operária negra e uma indígena, onde temos o desafio de apresentar um programa socialista contra toda forma de exploração e opressão. Na defesa de uma sociedade que respeite os direitos das populações tradicionais, dos povos indígenas, das comunidades quilombolas, assegurando demarcação, titulação e posse de suas terras



e respeitando sua cultura e seu modo de vida”, afirma Kunã Yporã.

“A defesa de uma sociedade igualitária, sem explorados e oprimidos, onde os recursos naturais e a riqueza produzida pelo trabalho do povo sejam todos utilizados para garantir vida digna a todas e todos, onde seja assegurada a preservação do

meio ambiente. Uma sociedade que acabe com toda a violência contra os setores mais desprotegidos e que assegure a todas e todos não apenas condições materiais para uma vida digna, mas também acesso ao conhecimento, à cultura, ao lazer e a toda liberdade necessária para sua realização plena como seres humanos”, completa.

Vera, pré-candidata à Presidência, fala da importância e do orgulho de compor a chapa com Kunã Yporã (Raquel Tremembé): “É uma chapa 100% feminina, nordestina, revolucionária e socialista, que vai apresentar um programa contra a barbárie capitalista, que destrói o meio ambiente em nome do lucro. Que dizima os povos indígenas, quilom-

bolas e trabalhadores rurais. Essa luta é uma tarefa coletiva, por isso, é com muita animação e orgulho que convido todos para o lançamento da pré-candidatura de Kunã Yporã à Vice-presidência.”

QUEM É KUNÃ YPORÃ (RAQUEL TREMEMBÉ)?

Kunã Yporã (Raquel Tremembé) tem 39 anos de idade, é indígena da etnia Tremembé do Estado do Maranhão.

É integrante da Associação de Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga) e membro da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

Kunã Yporã (Raquel Tremembé) é parte atuante das mobilizações dos povos indígenas contra o governo de Bolsonaro e Mourão, que governam a serviço dos interesses de latifundiários, mineradoras, madeireiras, garimpeiros e grileiros, patrocinando diversos ataques aos povos originários, seja contra seus territórios, suas vidas e também de extermínio cultural.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3B88UEH](https://bit.ly/3B88UEH)**

AGENDA



PSTU realiza convenção nacional no próximo dia 31

A chapa Vera e Kunã Yporã (Raquel Tremembé) será oficializada na Convenção Nacional do PSTU, no dia 31 de julho. O evento acontecerá às 14h30, no Sindicato dos Metroviários de São Paulo, localizado na Rua Serra do Japi, 31, no bairro do Tatuapé.

Vera também participará das Convenções Estaduais de Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

CALENDÁRIO

Convenções com a presença da Vera:


21/07 - Minas Gerais

30/07 - Rio de Janeiro

23/07 - Pernambuco

31/07 - São Paulo